



As vicissitudes da pseudoatividade na mentalidade industrial de Inácio e Benedito: uma proposta de leitura do conto "Evolução" (1884), de Machado de Assis, sob o viés do Materialismo Lacaniano

The adversities of pseudoactivity in Inácio' and Benedito's industrial mentality: a reading proposal of "Evolução" (1884), a short story by Machado de Assis based upon Lacanian Materialism

Rafael Lucas Santos da Silva¹

orcid.org/0000-0002-1245-8284
i3rafael@hotmail.com

Marisa Corrêa Silva¹

orcid.org/0000-0002-9692-7374
mcsilva5@uem.br

Recebido em: 8 jan. 2020.

Aprovado em: 21 mar. 2020.

Publicado em: 30 out. 2020.

Resumo: O artigo propõe uma hipótese de leitura da narrativa "Evolução" (1884), do escritor Machado de Assis (1839-1908), a partir do Materialismo lacaniano. Com base, especialmente, na categoria da pseudoatividade, conforme estudada pelo filósofo Slavoj Žižek, focaliza-se os vários níveis entre os sentidos latente e manifesto da perspectiva diegética, no que se refere aos vínculos entre narrador, focalização e personagens, com o objetivo de investigar como os procedimentos artísticos do conto "Evolução" se articulam com processos histórico-sociais do II Reinado. Acredita-se que o fenômeno da pseudoatividade será estratégico para esclarecer aspectos da cooptação política da classe burguesa pelo estamento-burocrático. Para tanto, levou-se em consideração os estudos de Faoro (1984) e de Fernandes (2006) acerca das dificuldades da consolidação de uma identidade da burguesia industrial durante o período do II Reinado. Por conseguinte, pretendeu-se demonstrar que o discurso narrativo forma um esquema estético reflexivo sobre as contradições presentes na formação social brasileira, especialmente o processo modernizador autoritário e desigual do Estado brasileiro.

Palavras-chave: Literatura brasileira. Crítica dialética. Materialismo lacaniano. Patrimonialismo no Segundo Reinado.

Abstract: The article proposes a hypothesis of reading the narrative "Evolução" (1884), by Brazilian writer Machado de Assis (1839-1908), based on the Lacanian materialism. Leaning especially on the pseudoactivity category, as seen by philosopher Slavoj Žižek, the different levels between the latent and the manifest meanings of diegetic perspective are addressed regarding the links between narrator, focus and characters, aiming to investigate how the artistic procedures of the tale "Evolution" dovetails with historical-social processes during the Second Reign. It is believed that the pseudoactivity phenomenon is strategic in order to clarify aspects of the bourgeois class's political cooptation by the bureaucratic class. To this end, studies on the difficulties of consolidating an identity of the industrial bourgeoisie during the period of the Second Reign by Faoro (1984) and Fernandes (2006) were taken into account. Therefore, it was intended to demonstrate that the narrative discourse forms a reflexive aesthetic scheme about the contradictions present in Brazilian social formation, especially Brazilian State's authoritarian and unequal modernizing process.

Keywords: Brazilian literature. Dialectical criticism. Lacanian materialism. Patrimonialism in the Second Reign.



"Cada vez é mais difícil ser brasileiro.
 Cada vez é mais difícil ser cavalo
 desse Exu perverso
 — nesse desgovernado terreiro.
 Nunca vi tamanho abuso.
 Estou confuso, obtuso,
 [...]
 Este é o país do diz e do desdiz,
 Onde o dito é desmentido
 no mesmo instante em que é dito.
 [...]
 Espelho, espelho meu!
 há um governo mais omisso que o meu?".
 (Afonso Romano de Sant'Anna, 1987)

Introdução

Tendo como objeto de análise o conto "Evolução", o que se propôs neste artigo foi ampliar o diálogo entre a produção literária machadiana de contos e a cultura política patrimonialista do II Reinado (1840-1889), tendo o Materialismo laciano como ancoragem teórico-crítica. A motivação foi o fato de que, no tangente à história política, Gledson (1991) considera que tal enfoque específico ficou a desejar ao longo da recepção crítica da obra machadiana, visto que poucos foram os críticos que decidiram se aprofundar nessa relação.

A respeito do repertório político das ficções machadianas, Gledson (1991) assinalou que o interesse do autor de *A mão e a luva* pela política nunca foi negado pelos seus críticos, "mas com bastante frequência esse interesse tem sido encarado como acidental e negativo, revelado em histórias e incidentes isolados, ou nos romances, em personalidades individuais que são objeto de sátira" (GLEDSON, 1991, p. 86).²

Outro aspecto importante para construção deste artigo implica, por sua vez, as concepções variáveis em relação aos gêneros literários trabalhados por Machado de Assis,³ conforme é o caso da sua produção contística. Ao longo de sua carreira, foram publicadas sete coletâneas, com um total de 78 contos, selecionados de um conjunto de mais de duas centenas de narrativas, além de oito escritos especificamente a elas. Impulsionado pela publicação diária em periódicos, o gênero conto instala-se na literatura brasileira em meados do século XIX, tendo justamente Machado como seu grande representante, ao explorar as possibilidades artísticas dessa forma literária.

Em *Instinto de nacionalidade*, Machado de Assis (1994) protestava contra o desprestígio que o gênero tinha e ao fato de que poucos escritores se lançavam na produção dessas narrativas curtas:

No gênero dos contos, à maneira de Henri Murger, ou a de Trueba, ou à de Ch. Dickens, que tão diversos entre si, tem havido tentativas mais ou menos felizes, porém raras, [...] é gênero difícil, a despeito de sua aparente facilidade, e creio que essa mesma aparência lhe faz mal, afastando-se dele os escritores, e não lhe dando, penso eu, o público toda a atenção de que ele é muitas vezes credor (MACHADO DE ASSIS, 1994, p. 806).

Mesmo constatando a insignificância desse gênero no Brasil, autor de "A causa secreta" dedicou-se em elaborar essas narrativas desde 1857 até 1907, com as quais produziu sete coletâneas: *Contos Fluminenses*, (1870), *Histórias da Meia-Noite*, (1873), *Papéis Avulsos*, (1882), *Histórias sem Data*, (1884), *Várias Histórias*, (1896), *Páginas Recolhidas*, (1899), *Relíquias da Casa Velha*, (1906).

² É possível conceber que Astrojildo Pereira foi quem buscou desobstruir pioneiramente essa vertente, tendo defendido, em 1939, a imagem de um Machado de Assis "romancista do Segundo Reinado", cuja obra é plena de referências a acontecimentos históricos e tipos sociais da época: a escravidão e a abolição, a Guerra do Paraguai, a questão religiosa, a proclamação da República, o encilhamento, "políticos militantes, deputados, candidatos, publicistas, os quais expõem e debatem os problemas de mais agudo interesse para a opinião pública" (PEREIRA, 1958, p. 14). Nos anos seguintes, porém, essas relações da obra machadiana com o contexto histórico-social permaneceram incertas aos olhos da crítica. De acordo com Schwarz (2014), a situação mudou com o contexto pós-golpe de 1964, o qual possibilitou reconhecer aspectos "até então recalçados da ironia machadiana. Esta aparecia a uma luz nova, muito mais fértil e política, de incrível atualidade. Noutras palavras, as revelações sociais trazidas pelo golpe de 64 desempoeiravam o maior de nossos clássicos" (SCHWARZ, 2014, p. 8). Para uma importante apreciação a respeito do adensamento acadêmico das leituras de Machado ocorrido nos decênios de 1970 e 1980 (nos quais surge a constituição da figura realista de Machado de Assis, a partir dos estudos Alfredo Bosi, John Gledson, Raymundo Faoro e Roberto Schwarz — incluindo os questionamentos mais recentes de Sidney Chalhoub), ver GUIMARÃES, Hélio de Seixas. *Machado de Assis, o escritor que nos lê*. As figuras machadianas através da crítica e das polêmicas. São Paulo: Ed. UNESP, 2017.

³ Em *A juventude de Machado de Assis*, Jean-Michel Massa lastima a discrepância entre a quantidade de estudos sobre a famosa trilogia machadiana (*MPBC*, *Quincas Borba* e *Dom Casmurro*) em comparação com a atenção diminuta e ligeira que a crítica dispensou aos escritos considerados "menores", dentre os quais podem ser incluídos não só os contos da juventude, mas também uma parcela considerável das narrativas breves da maturidade que não foram republicados em livro pelo autor: "[...] só se projetou luz sobre a fase culminante de sua obra (1880-1900), passando-se ligeiramente pelos escritos da mocidade e os textos tidos apressadamente como secundários. Quantos estudos sobre a trilogia Memórias póstumas de Brás Cubas, Quincas Borba e Dom Casmurro!" (MASSA, 2009, p. 17).

Todo esse labor, no entanto, teve pouca atenção dos olhares críticos, conforme assinalam Dixon (1992), Gledson (2006), Massa (2017) e Schwarz (1999). O denominador comum da apreciação crítica desses quatro estudiosos é que, em relação aos romances, os contos sempre foram relegados a um segundo plano. O crítico britânico argumenta que não existem divergências em relação a "qualidade de Machado como contista [...] digno de comparação [...] aos maiores contistas de sua época – Maupassant, Tchekhov [...]. Mas a verdade é que, a despeito de sua popularidade, os contos de Machado não são levados tão a sério quanto mereceriam" (GLEDSON, 2006, p. 35).

Em conformidade com Gledson (2006), o programa do autor de *Quincas Borba* em tratar a questão da identidade nacional, impulsionado por um "processo fascinante de dialética complexa de experimentação e descoberta", fez Machado de Assis recorrer "ao conto, tão adequado à dramatização de crises de identidade, para uma primeira solução do 'problema' – isto é, a sua tentativa de encarnar a nação num único personagem" (GLEDSON, 2006, p. 44). Por sua vez, será justamente essa busca de experimentação que impede um enquadramento rígido no que se refere à questão do gênero, pois consiste "como se [Machado] tivesse de criar uma forma própria para cada conto: diálogo, pastiche, sátira, contos longos, médios, curtos" (GLEDSON, 2006, p. 47).

De forma semelhante e complementar, Schwarz (1999), partindo da importância desse gênero no conjunto da obra machadiana, expõe que a produção contística trata de "quase todos os assuntos centrais da cultura brasileira", todavia, "esse aspecto foi muito pouco visto pela crítica até agora, ou pelo menos não foi explorado na sua devida envergadura" (SCHWARZ, [1999]). Seguindo a sua argumentação, concordamos que a dificuldade de trabalhar com os contos macha-

dianos é que essa produção não é unificada nem por personagens ou por um narrador, sendo que a única unidade dessas "200 situações diferentes" em que "cada conto é um conto" consiste, afinal, na "sociedade brasileira a construir":⁴

[...] quer dizer, examinando o conjunto dos contos, vamos percebendo que há ali dentro uma extraordinária diversidade de registros, técnicas literárias, formas. Atrás de tudo isso há um conjunto de relações sociais que vai se impondo devagarinho, por meio dessa diversidade das formas, que, mal ou bem, vamos explorando. [...] os contos de Machado de Assis são uma grande exploração, muito sistematizada, extremamente poderosa, da experiência histórica brasileira. E, quando digo experiência histórica brasileira, não estou querendo ser nacionalista nem pitoresco, não quero dizer que sejam contos que apanham as cores da baía da Guanabara ou o colorido dos nossos passarinhos. Não é isso. Trata-se [...] do sistema das relações sociais brasileiras (SCHWARZ, [1999]).

Esse argumento de Schwarz (1999) condensa muito – e relaciona-se diretamente com – o propósito analítico desta pesquisa. Para melhor aquilatá-lo, podemos dizer que consiste em investigar, na perspectivação diegética do conto "Evolução", representações que problematizem "relações sociais" ligadas à dominação política do patrimonialismo e estamento-burocrático. A partir disso, concebemos a mentalidade industrial dos personagens Inácio e Benedito como o princípio de estruturação da obra, funcionando como "um princípio mediador que organiza em profundidade os dados da ficção e do real, sendo parte dos dois planos" (SCHWARZ, 1989, p. 141).

O conto "Evolução" foi publicado na *Gazeta de Notícias*, em 1884, e posteriormente incluído na coletânea *Relíquias da casa velha*, de 1906. O discurso narrativo modaliza uma mentalidade industrial, uma vez que ambos os personagens querem contribuir para o avanço da modernização infraestrutural do país.

⁴ Vale destacar que tal hipótese não é consensual. Fischer (2008) expôs o seguinte argumento: "O romance tem essa propriedade, en seja essa aproximação, e não apenas o romance machadiano, é claro, mas sim o romance em si, com sua estrutura e sua ontologia – sua capacidade de oferecer uma leitura de conjunto sobre uma experiência social complexa, seja ela ávida de um indivíduo, seja ela todo um ciclo histórico. O conto não permite tal. Por seu tamanho curto, por sua vocação para o flagrante e não para o relato extenso [...] a vida individual isolada empurre o conto para o domínio do debate da época, mais do que o do lugar [...] é que Machado ali está pensando na vida humana de seu tempo, mais do que na vida humana de seu espaço; para usar termos mais correntes, ele é menos localista do que cosmopolita, menos específico e brasileiro do que genérico e ocidental". FISCHER, Luis. *Machado e Borges e outros ensaios sobre Machado de Assis*. Porto Alegre: Arquipélago, 2008. p. 175-176.

A mentalidade industrial, contudo, demonstra-se ao longo da perspectivação diegética como uma subjetividade clivada na exigência de conformidade social cujos mecanismos precisam ser compreendidos. Para tanto, utiliza-se o viés do Materialismo lacaniano, uma vez que se trata de uma corrente teórico-crítica que visa a explorar a influência da economia libidinal em esferas individuais e sociais (SILVA, 2009) e, com isso, espera-se revelar o enraizamento da estrutura discursiva do conto no processo histórico-social do II Reinado.

1 Concedendo ao grande Outro o aspecto passivo da minha experiência: Žižek, Materialismo Lacaniano e pseudoatividade

Um dos principais teóricos do Materialismo lacaniano é o filósofo esloveno Slavoj Žižek. Ao obter o seu segundo doutoramento em Paris, no Departamento de Psicanálise da Universidade Paris VIII, Žižek reconfigurou a cartografia conceitual que sustentava a sua práxis analítica, a partir de um aprofundamento na psicanálise lacaniana. O próprio autor considera que havia encontrado uma mina de ouro e se convenceu da possibilidade de se "fazer maravilhas com a abordagem lacaniana" (ŽIŽEK, 2017, p. 27), sobretudo em vista de "esboçar os contornos de uma teoria lacaniana do campo político-ideológico" (ŽIŽEK, 1991, p. 16).

O ano-chave de 1989 marcou o início de um longo processo, pois é publicado o primeiro livro influente de Žižek, um alentado volume intitulado *O sublime objeto da ideologia*, no qual o filósofo buscava demonstrar que, em vista de uma emancipação política, "a teoria lacaniana é talvez a versão contemporânea mais radical do Iluminismo" (ŽIŽEK, 2003, p. 30).

Após 1989, foram publicados mais de 50 livros, os quais dispõem da psicanálise lacaniana como um dos suportes conceituais básicos para a sua argumentação. Em face dessa fisionomia de uma obra assombrosamente extensa e multiforme, fica-se com a impressão de que Žižek visa assumir uma posição vanguardista. Safatle (2003) argumenta que é possível depreender um projeto

"filosófico-psicanalítico" no campo da política, ao fornecer uma legítima abordagem da cultura que se distancie da doxa pós-moderna, estabelecendo

[...] uma, até então inédita, *clínica da cultura* de orientação lacaniana. [...] Uma maneira de articular a psicanálise e a tradição dialética que não deixava de remeter à estratégia [...] de reintroduzir as descobertas psicanalíticas no interior da história das ideias e de fundar uma análise do vínculo social [...] a fim de resgatar o projeto racionalista moderno com suas aspirações de emancipação e reconhecimento, assim como sua força de crítica da alienação (SAFATLE, 2003, p. 180, grifo do autor).

Esse argumento de Safatle (2003) condensa muito: esse estatuto inédito e vanguardista visa possibilitar "consequências políticas a guiar práxis sociais na contemporaneidade [para] emancipação do sujeito" (SAFATLE, 2003, p. 182-183).

Dessa maneira, portanto, o filósofo esloveno assevera que toda a "oratória fúnebre" (ŽIŽEK, 2010, p. 8) a respeito da psicanálise é um grande equívoco e se propõe a "demonstrar que só hoje o tempo da psicanálise está chegando" (ŽIŽEK, 2010, p. 9). Esse argumento é justificado pelo fato de que o filósofo não considera a psicanálise lacaniana "uma teoria e técnica de tratamento de distúrbios psíquicos, mas uma teoria e prática que põe os indivíduos diante da dimensão mais radical da experiência humana" (ŽIŽEK, 2010, p. 10).

Sendo assim, a categoria da pseudoatividade surge como um modo de elaborar uma crítica da alienação. Para o filósofo esloveno, refletir, pois, sobre a atividade e a pseudoatividade torna-se crucial:

É melhor não fazermos nada do que empenharmo-nos em ações localmente limitadas que em última instância funcionam fazendo com que o sistema aja com menos atrito [...]. A ameaça hoje não é a passividade, mas a pseudo-atividade, a permanência de 'sermos ativos', de 'participarmos', de mascarmos o nada do que se move [...]. Por vezes, fazer nada é a coisa mais violenta que temos de fazer (ŽIŽEK, 2014, p. 188).

Isso porque a pseudoatividade proporciona aos sujeitos uma sensação de autenticidade quando, na realidade, ele está apenas se adequando e renovando uma ordem já pré-estabelecida.

O filósofo esloveno utiliza como exemplo um

comentário de Lacan sobre o papel do coro na tragédia grega, que consta no *Livro 7* de seu *Seminário*, intitulado *A ética da psicanálise*. Em maio de 1960, Lacan (2008), ao tratar da peça teatral *Antígona*, propõe a seguinte reflexão aos seus alunos:

[...] na tragédia, há o Coro. O Coro, o que é? [...] O Coro são pessoas que se emocionam. Portanto, observem-no duas vezes antes de dizerem que são as emoções de vocês que estão em jogo [...]. Quando vocês vão ao teatro à noite, vocês pensam em seus pequenos afazeres, na caneta que perderam durante o dia, no cheque que terão que assinar no dia seguinte — portanto, não confiemos tanto em vocês. Toma-se conta da emoção de vocês numa saudável disposição da cena. O Coro se encarrega disso. [...] Vocês estão, portanto, libertos de toda a preocupação — mesmo que não sintam nada, o Coro terá sentido por vocês [...] (LACAN, 2008, p. 299).

O que está sendo proposto é, então, que o Coro teatral descola a subjetividade tomando conta das emoções do público e, nesse sentido, tem-se "a situação em que o próprio objeto tira de mim minha passividade, priva-me dela, de tal modo que é o objeto que aprecia o espetáculo em vez de mim, poupando-me da obrigação de me divertir" (ŽIŽEK, 2010, p. 34). A partir desse exemplo, Žižek postula que nossos sentimentos supostamente mais íntimos podem ser transferidos ou delegados a outros.

Deparamo-nos, assim, com implicações pertinentes em relação à constituição de identificações Imaginárias e Simbólicas do sujeito, a partir das quais depreende-se que as crenças são externalizadas devido à interpelação ideológica das instituições sociais, que faz que o indivíduo seja pseudoativo frente às diferentes formas discursivas que se apresentam ao nível simbólico.

O grande Outro pode ser considerado semelhante a uma causa ideológica e, dessa forma, é possível compreendê-lo como "a substância dos indivíduos que se reconhecem nele, o fundamento de toda a sua existência" (ŽIŽEK, 2010, p. 18). Visto que o grande Outro é o conjunto de significantes que marcam o sujeito em sua história de vida e desejos, "a identidade simbólica do sujeito é sempre historicamente determinada, dependente de um contexto ideológico específico" (ŽIŽEK, 2010, p. 47).

2 Inácio é igual a Benedito? Engodo discricionário e o Real recalcado do antagonismo

O conto "Evolução" foi publicado na *Gazeta de Notícias*, em 1884, e posteriormente incluído na coletânea *Relíquias da casa velha*, de 1906. Consiste em um discurso narrativo autodiegético, desenvolvendo-se a partir da enunciação de Inácio. Esse pretende expor que teve uma ideia roubada por Benedito, sendo que, por isso, a produção da enunciação ocorre posteriormente à ocorrência do evento desse roubo. Essa distância temporal que separa o momento da narração da história permite nos atentarmos ainda mais à credibilidade da narração, pois há características específicas que vão de encontro à subjetividade de uma perspectiva parcial, embora em nenhum momento Inácio admita haver parcialidade em seu discurso. Um exemplo célebre desse aspecto na obra machadiana é o casmurro Bentinho, que se coloca como detentor da "verdade", fazendo às vezes que o leitor se esqueça de que sua visão também é apenas uma parcela da realidade.

No primeiro plano enunciativo há um caráter jocoso e irônico, com Inácio mencionando que, por "compostura", não revelará o nome completo de Benedito, mas que isso não afetará sua exposição, visto que "a rosa, como que se se lhe chame, terá sempre o mesmo cheiro" (MACHADO DE ASSIS, 1997, v. II, p. 703). O desenrolar do discurso narrativo aponta que se trata de um mau cheiro; e essa noção olfativa de sensação odorante assoma como uma figura retórica, para conferir posição idônea na enunciação de sua própria história. Em seguida, Inácio apresenta Benedito, sem nenhuma profundidade psicológica, como uma pessoa de feições patéticas e sem nenhuma originalidade intelectual:

Tinha quarenta e cinco anos, quando o conheci; não declaro em que tempo, porque tudo neste conto há de ser misterioso e truncado. Quarenta e cinco anos, e muitos cabelos pretos; para os que o não eram usava um processo químico, tão eficaz que não se lhe distinguiam os pretos dos outros — salvo ao levantar da cama; mas ao levantar da cama não aparecia a ninguém. Tudo mais era natural, pernas, braços, cabeça, olhos, roupa, sapatos, corrente do relógio e bengala. [...] intelectualmente, é que

ele era menos original. Podemos compará-lo a uma hospedaria bem afreguesada, aonde iam ter ideias de toda parte e de toda sorte, que se sentavam à mesa com a família da casa. Às vezes, acontecia acharem-se ali duas pessoas inimigas, ou simplesmente antipáticas, ninguém brigava, o dono da casa impunha aos hóspedes a indulgência recíproca. Era assim que ele conseguia ajustar uma espécie de ateísmo vago com duas irmandades que fundou, não sei se na Gávea, na Tijuca ou no Engenho Velho. Usava assim, promiscuamente, a devoção, a irreligião e as meias de seda. Nunca lhe vi as meias, note-se; mas ele não tinha segredos para os amigos (MACHADO DE ASSIS, 1997, v. II, p. 703).

O regime testemunhal do narrador-personagem está envolto de sarcasmo, colocando em dilema, desde o início, a credibilidade de sua narração. Isso implica que não apreendemos os dois personagens em oposição, como a oposição de dois perfis políticos distintos, conforme Teles (2014) e Machado (2009) propuseram em suas leituras. De forma mais explícita, Machado (2009) argumenta que nessa narrativa o autor de "Teoria do medalhão" colocou em jogo "um duelo: conservadores x progressistas", sendo que Benedito seria o conservador enquanto Inácio, "encarnando a nova geração [...] tecnocrática", seria um progressista (MACHADO, 2009, p. 178). A nosso ver, essas leituras que colocam em oposição Inácio e Benedito não levam em consideração a posição social do narrador e nem a questão da credibilidade de uma narração autodiegética, em cuja estrutura há mais parcialidade do que as narrativas heterodiegéticas.

De acordo com Schwarz (1997, p. 12) o autor de *A mão e a luva* elabora "situações narrativas, ou narradores postos em situação: fábulas cujo drama só se completa quando levamos em conta a falta de inserção, a parcialidade ativa do próprio fabulista". Ao levarmos em consideração esse argumento do autor, poderemos apreender na história de Inácio uma "estratégia de contenção" mais geral de uma burguesia do II Reinado sofrendo as consequências da dominação política patrimonialista. Para uma leitura não superficial, as estratégias de contenção precisam "ser desmascaradas pelo confronto com o ideal de totalidade que elas a um só tempo implicam e reprimem",

afinal, conforme esclarece Jameson (1992), "se tudo fosse transparente, então qualquer ideologia seria impossível, bem como qualquer dominação: o que, evidentemente, não é o nosso caso" (JAMESON, 1992, p. 48, 55). Dessa maneira e a partir do viés do Materialismo lacaniano, argumentamos ser possível demonstrar que na estrutura discursiva do conto o antagonismo social está inserido no registro do Real, que é um resto impossível de simbolizar, sendo por isso que está intimamente relacionado ao "objeto a". A noção de Real é complexa pelo fato de não ser igual à noção de "realidade"; segundo Silva, "o Real é um excesso (*surplus*) que não cabe na realidade [...] é chocante, traumático" (2009, p. 213).

Referente à questão da ideologia, o filósofo esloveno considera que

Devemos deixar para trás essa abordagem marxista ingênua, de que a construção ideológica simplesmente oculta alguma realidade social. Não. O argumento central de Lacan é que para a realidade social se estabelecer — por realidade social quero dizer ordem social, realidade simbólica social —, algo tem de ser primordialmente reprimido. [...] Acredito que a noção lacaniana de Real como uma rocha que resiste à simbolização é extremamente útil para uma noção não ingênua de ideologia. Por noção não ingênua de ideologia eu entendo uma noção de ideologia que evite as armadilhas comuns da falsa consciência [...] (ŽIŽEK, 2017, p. 86-87).

Em síntese e dito de outro modo, "a função da ideologia não é oferecer-nos uma via de escape da nossa realidade, mas oferecer-nos a [construção da] realidade social como uma fuga de algum núcleo traumático" (ŽIŽEK, 1996, p. 323). Assim, a importância da noção lacaniana de Real mencionada no passo anterior, implica a perspectiva da falta estrutural (ou incompletude ontológica) do sujeito decorrente de sua inscrição no Simbólico, de modo que a ideologia e a fantasia funcionam como mecanismos de sutura dessa incompletude, instaurando uma ilusão em forma de totalidade.

Seria possível conceber que esse trauma adviria com o fato de que, segundo Faoro (1984, 2001), mesmo que a estrutura de classe estivesse em ascensão, ela precisa se subordinar à autoridade simbólica do estamento-burocrático? Desde

a singeleza do comentário de Inácio sobre o “processo químico”, com o qual Benedito tingiu seus cabelos brancos, imprime-se o discurso da modernização conservadora sobre o qual vai estruturar-se o conto. O primeiro encontro entre Inácio e Benedito ocorre “em viagem para Vassouras” (MACHADO DE ASSIS, 1997, v. II, p. 704). Ambos os personagens travam conversação, tendo o “progresso” como primeiro e principal tema:

Naturalmente, o primeiro objeto foi o progresso que nos traziam as estradas de ferro. Benedito lembrava-se do tempo em que toda a jornada era feita às costas de burro. Contamos então algumas anedotas, falamos de alguns nomes, e ficamos de acordo em que as estradas de ferro eram uma condição de progresso do país (MACHADO DE ASSIS, 1997, v. II, p. 704).

A concepção de ambos é a necessidade de avanço da modernização infraestrutural do país. De um lado, a situação já ia adiantada, conforme a rememoração de Benedito sobre a jornada antes ser feita “às costas dos burros”, mas ainda falta muito para o ápice da modernização. Nas expressões “estradas de ferro”, “burro” e “progresso do país” incide a tônica da temática que faz surgir a *função cardinal* da narrativa:

- Não serão os nossos filhos que verão todo este país cortado de estradas, disse ele.
- Não, decerto. O senhor tem filhos?
- Nenhum.
- Nem eu. Não será ainda em cinquenta anos; e, entretanto, é a nossa primeira necessidade. Eu comparo o Brasil a uma criança que está engatinhando; só começará a andar quando tiver muitas estradas de ferro
- Bonita ideia! exclamou Benedito falcando-lhe os olhos.
- Importa-me pouco que seja bonita, contanto que seja justa.
- Bonita e justa, redarguiu ele com amabilidade. Sim, senhor tem razão:
- O Brasil está engatinhando; só começará a andar quando tiver muitas estradas de ferro (MACHADO DE ASSIS, 1997, v. II, p. 704-705).

Por ser uma ideia “bonita e justa”, Benedito opta em convidar Inácio para almoçar, o que desencadeará outros encontros, até o último, no qual Benedito, já eleito deputado, utiliza a ideia como se fosse originalmente sua.

Essa apropriação acontece em três movimentos. O primeiro é a apresentação da ideia, feita por Inácio: “Eu comparo o Brasil a uma criança que está engatinhando; só começará a andar quando tiver muitas estradas de ferro” (MACHADO DE ASSIS, 1997, v. II, p. 704); o segundo é o momento em que Benedito afirma que foram ambos que criaram a frase: “Lembra-se do que nós dizíamos na diligência de Vassouras? O Brasil está engatinhando; só andar com estradas de ferro [...]” (MACHADO DE ASSIS, 1997, v. II, p. 707); e por fim, Benedito apropria-se totalmente do pensamento de Inácio: “[...] dizia eu a um amigo, em viagem pelo interior: o Brasil é uma criança que engatinha; só começará a andar quando estiver cortado de estradas de ferro [...]” (MACHADO DE ASSIS, 1997, v. II, p. 708). Essa apropriação lembra necessariamente a tríade RSI lacaniana: o Real histórico da utilidade direta, o Simbólico do *status*, o Imaginário como a ilusão do ego, a partir da qual Benedito acredita que a ideia de fato seja sua. Esse movimento também se dirige ao aspecto da volubilidade, estudado por Schwarz (1990), no que tange ao “desrespeito e uma complementar satisfação de amor-próprio” (SCHWARZ, 1990, p. 40). Aqui, a volubilidade está moldando o comportamento de Benedito, mas também, acima de tudo, moldando Inácio enquanto instância enunciativa, pois sua narração fixa-se no Imaginário, no sentido em que esse é representado pelo eu ideal, uma idealização do sujeito que fornece a maneira como ele gostaria de ser visto pelas outras pessoas. Por isso, é possível encontrar análises, como a de Teles (2014) e de Machado (2009), que colocam os dois personagens em oposição.

Ao fixar-se no Imaginário, Benedito é posto no Simbólico no sentido de uma instância que busca ser apreciada pelo Grande Outro, e conseguir, assim, sua autorrealização na carreira política. Por conseguinte, a frase no que se refere à modernização da sociedade torna-se o Real, inapreensível, e isso justamente por Inácio e Benedito representarem a mentalidade industrial brasileira. Tal mentalidade é figurada por Machado de Assis de acordo com a especificidade do desenvolvimento do capitalismo no Brasil, o que implica que Inácio

e Benedito não são burgueses europeus. Lukács (1968) e Auerbach (1987) consideraram crucial não esquecer a importância ideológica da burguesia para a cultura. Para o filósofo húngaro, "a burguesia domina o poder político e a luta de classes entre ela e o proletariado se coloca no centro do cenário histórico" (LUKÁCS, 1968, p. 50); e, de igual modo, o filólogo alemão pontuava que na Europa um "dos grandes problemas da época" (1987, p. 461) consistia na "luta entre capital industrial e a classe operária" (AURBACH, 1987, p. 459).

Contudo, no Brasil a relação societária era outra, conforme atestam Faoro (1984) e Fernandes (2006), visto que o "poder burguês e a dominação burguesa" não se consolidaram no século XIX. Esse aspecto é importante, uma vez que concebemos que matérias sociais diferentes exigem configurações formais diferentes, caso se queira apreender literariamente o processo histórico-social próprio a cada situação. Nesse sentido, o nosso pressuposto de leitura é de que, ao invés do embate entre capital industrial e classe operária apontado por Lukács (1968) e Auerbach (1987) acerca da Europa, a narrativa "Evolução" formaliza um embate entre a classe burguesa e o estamento-burocrático, de modo que as vicissitudes da pseudoatividade da mentalidade industrial de Inácio e Benedito expõem forças reacionárias de entraves da consolidação do capital industrial como nexos da acumulação capitalista durante o II Reinado.

2.1 O elo entre o "movimento industrial" e a cultura política patrimonialista a partir da pseudoatividade

No conto "Evolução" os personagens Inácio e Benedito aderem "ao movimento industrial" em favor do "progresso" e da modernização infraestrutural da nação brasileira. É importante entender esse aspecto pelo seu avesso. Isto é, ambos os personagens não querem uma mudança real da nação, de modo que representam o "processo modernizador domesticado pelo estamento" (FAORO, 1984, p. 744).

Em princípio, todo esse interesse pela modernização parece-nos indicar um comportamento *pseudoativo*, a partir do qual busca-se a "premên-

cia" da atividade com a intenção de "mascarar o nada do que se move" (ŽIŽEK, 2014, p. 142). Esse comportamento pseudoativo (também nominado como *falsa atividade e interpassividade*), é considerado pelo filósofo esloveno como um fingimento do que o que está posto funciona. No caso de Inácio e Benedito, ambos nutrem interesse de ingressar na política, considerando que uma vez na câmara de deputados conseguirão propor projetos de modernização, sem que nenhuma vez questionem se isso será de interesse dos grupos políticos.

A peculiaridade desse comportamento é sintetizada de forma esclarecedora por Zafalon (2015), ao expor que é possível

inferir que a interpassividade nada mais é do que uma espécie de pseudoatividade, ou seja, um simulacro de participação ativa que, na verdade, não altera nada na ordem social do mundo, legando ao sujeito a pérfida função de instrumento para o gozo do grande Outro (ZAFALON, 2015, p. 36).

Dessa maneira, é necessário identificar como os personagens são instrumentos para o gozo do estamento-burocrático. No plano discursivo, o interesse de Inácio e Benedito se relaciona especificamente ao desenvolvimento das ferrovias ("o Brasil é uma criança que engatinha; só começará a andar quando estiver cortado de estradas de ferro..." [MACHADO DE ASSIS, 1997, v. II, p. 704]). Ambos se tornaram amigos em uma viagem para Vassouras (município localizado no centro-sul do estado do Rio de Janeiro), que pertence ao Vale Fluminense, onde ocorreu importante expansão das lavouras de café, de 1836 a 1850. Historicamente, as malhas ferroviárias no Brasil vieram a reboque dessa expansão do capital cafeeiro, que permitiu tanto o investimento industrial quanto a progressiva mecanização.

É esse o interesse de ambos os personagens, que pertencem a mesma classe social – "encontramo-nos na rua, no teatro, em casa de amigos comuns" (MACHADO DE ASSIS, 1997, v. II, p. 706). Inácio e Benedito também se encontraram na Europa, em viagens cujos destinos eram Paris e Londres. Nesses encontros, a conversação é sempre sobre a modernização do país:

— Estamos fartos de partidos; precisamos desenvolver as forças vivas do país, os seus grandes recursos. [...]

— Tem razão. E por que é que eu mesmo vim à Europa? Vim cuidar de uma estrada de ferro. Deixo as cousas arranjadas em Londres.

— Sim?

— Perfeitamente.

Mostrei-lhe os papéis; ele viu-os deslumbrado. Como eu tivesse então recolhido alguns apontamentos, dados estatísticos, folhetos, relatórios, cópias de contratos, tudo referente a matérias industriais, e lhos mostrasse, Benedito declarou-me que ia também coligir algumas cousas daquelas. E, na verdade, vi-o andar por ministérios, bancos, associações, pedindo muitas notas e opúsculos, que amontoa nas malas [...] (MACHADO DE ASSIS, 1997, v. II, p. 707).

Essa preocupação industrial faz parte da especificidade histórica em que esses dois personagens estão inseridos. O historiador Hobsbawm nomeia o período de 1848 a 1875 como a "Era do Capital", na qual os meios de transporte tiveram papel fundamental. Segundo o historiador, a presença de estradas de ferro "introduzia então o poder mecânico em todos os continentes e em países não industrializados. A chegada de estradas de ferro era em si mesmo um símbolo revolucionário" (HOBSBAWN, 2012, p. 71).

Justifica-se assim o interesse de Inácio e Benedito nas "estradas de ferro", pois a "construção de linhas de ferro", além de ser "um dos mais sensacionais feitos da engenharia conhecido até então na história", era, sobretudo, a "burguesia triunfante" (HOBSBAWN, 2012, p. 13, 70). Em conformidade com o autor, a história do período entre 1848 a 1875 "é basicamente a do maciço avanço da economia capitalista industrial em escala mundial, da ordem social que o representa, das ideias e credos que pareciam legitimá-lo e ratificá-lo: na razão, ciência, progresso e liberalismo" (HOBSBAWN, 2012, p. 18-19).

É nesse bojo que, a partir de meados de 1850, que o Brasil buscou coordenar e incentivar a expansão ferroviária com a finalidade de induzir o crescimento da economia agroexportadora e de aumentar a entrada de investimentos estrangeiros no País (sobretudo os vindos da Inglaterra, onde, sugestivamente, Inácio estava "cuidando" de uma estrada de ferro). Desse modo, à primeira

vista, pode-se considerar Inácio e Benedito como integrantes da intelectualidade modernizadora, a qual participava do credo liberal e progressista?; ou ainda, a indignação de Inácio para com Benedito faz desse um conservador, enquanto o narrador seria um liberal progressista?

É preciso notar, porém, que Inácio, sendo proprietário e narrador, traz marcas de capricho e desfaçatez, o que torna a sua indignação para com Benedito apenas um engodo. No plano discursivo, Benedito é exposto em feição patética, assim como Schwarz (1990) havia argumentado que "o progressismo [...] associado ao atraso do ambiente [brasileiro], adquire uma feição patética e um que localista" (SCHWARZ, 1990, p. 97). Mas, como não cogitar que Inácio também compartilhe dessa "feição patética", uma vez que frequenta os mesmos círculos sociais e, portanto, está submetido aos mesmos laços sociais?

No decorrer da perspectivação diegética, ocorre um entrelaçamento de unidades discursivas que revelam que ambos os agentes sociais pertencem a mesma posição de classe. Inácio admira o "alfinete de diamante" da gravata de Benedito, revelando em seguida que "eu mesmo o vi comprar na casa do... [...] na Rua do Ouvidor" (MACHADO DE ASSIS, 1997, v. II, p. 704). Ambos, inclusive, possuem ações semelhantes para efetivação de seus projetos; além da viagem à Europa, nutrem o interesse por dados estatísticos: "Mostrei-lhe os papéis; ele viu-os deslumbrado [...] dados estatísticos, folhetos, relatórios, cópias de contratos, tudo referente a matérias industriais, [...] Benedito declarou-me que ia também coligir algumas cousas daquelas" (MACHADO DE ASSIS, 1997, v. II, p. 707).

Inácio ao proceder desse modo na construção do discurso narrativo, nos permite identificar traços de volubilidade. A suposta indignação de Inácio que o leva a narrar a história do roubo de Benedito de sua ideia cede lugar para que surja o "primado sistemático do capricho" (SCHWARZ, 1990, p. 106). De acordo com o estudo de Schwarz (1990), é possível compreender o capricho como a intenção de transmitir "superioridade intelectual", que no caso de Brás Cubas estava atrelada aos "movimentos da filosofia, ciência [...]" (SCHWARZ, 1990, p. 99). Embora

esse aspecto do "papel das ideias" apareça, por exemplo, com o título do conto, uma comparação entre Benedito e Spencer, a intenção de Inácio de se demonstrar superior em relação a Benedito ocorre, notadamente, na desqualificação desse. Além da "frivolidade" da descrição fisionômica – "quarenta e cinco anos, e muitos cabelos pretos; para os que o não eram usava um processo químico, tão eficaz que não se lhe se distinguem os pretos dos outros" (MACHADO DE ASSIS, 1997, v. II, p. 704) –, Inácio apresenta Benedito como uma pessoa sem nenhuma originalidade intelectual – "intelectualmente, é que ele era menos original. Podemos compará-lo a uma hospedaria afreguesada, aonde iam ter ideias de toda parte e de toda sorte" (MACHADO DE ASSIS, 1997, v. II, p. 704).

Tal descrição de Benedito relaciona-se com o seu comportamento de se apropriar da ideia de Inácio. Esse, em outros momentos do discurso narrativo, volta a desqualificar Benedito, afirmando que seu "ardor" em realizar coletas estatísticas não é "intenso"; também zomba de Benedito por seu apreço pelas frases de efeito:

Benedito recolheu com muito mais gosto os anexins políticos e fórmulas parlamentares. Tinha na cabeça um vasto arsenal deles. Nas conversas comigo repetia-os muita vez, à laia de experiência; achava neles grande prestígio e valor inestimável. Muitos eram de tradição inglesa [...]. Saboreava-os tanto que eu não sei se ele aceitaria jamais a liberdade real sem aquele aparelho verbal; creio que não. Creio até que, se tivesse de optar, optaria por essas formas curtas, tão cômodas [...] todas axiomáticas, que não forçam a reflexão [...] (MACHADO DE ASSIS, 1997, v. II, p. 704).

Ao afirmar que Benedito prefere "optar por formas curtas, tão cômodas", visa-se comprovar o seu perfil de falta de intelectualidade. Tal conduta discricionária de Inácio, remete ao fato de que "a volubilidade inclui sempre algum tipo de *desrespeito*" (SCHWARZ, 1990, p. 40, grifo do autor). Assim, consideramos que a volubilidade (capricho e desfaçatez) com a qual Inácio "desrespeita" Benedito não visa propriamente a uma crítica da condição política da nação, mas implica, acima de tudo, que o seu "movimento [de] recorrer[em] ao estoque das aparências esclarecidas" (SCHWARZ, 1990, p. 40) demonstra sua "satisfação de amor-

-próprio" e ressentimento por não ter sido ele que tenha conseguido eleger-se deputado. Sendo assim, acompanhamos o cotidiano de membro da mesma classe, afinal, é Inácio que possui uma frase feita, curta e axiomática:

– Não serão os nossos filhos que verão todo este país cortado de estradas, disse ele.

– Não, decerto. O senhor tem filhos?

– Nenhum.

– Nem eu. Não será ainda em cinquenta anos; e, entretanto, é a nossa primeira necessidade. Eu comparo o Brasil a uma criança que está engatinhando; só começará a andar quando tiver muitas estradas de ferro.

– Bonita ideia! Exclamou Benedito f piscando-lhe os olhos (MACHADO DE ASSIS, 1997, v. II, p. 704).

Como podemos observar nesse trecho do início do conto, é Inácio que possui e profere uma frase de efeito, da qual Benedito gosta e começa a utilizá-la. De tudo isso, parece-nos se possível aquilatar que na estrutura discursiva do conto "Evolução" a volubilidade do narrador está atrelada à pseudoatividade. Em outras palavras, ao compreender o aspecto volúvel de Inácio podemos recusar o engodo da indignação; e assim, depreender que em vez de ativo, Inácio está sendo passivo. Consoante à compreensão do filósofo esloveno acerca da pseudoatividade, Inácio realiza críticas a Benedito, mas cuja principal expectativa é a de que nada se altere. Consideramos, pois, esse aspecto como a expressão formal que representa a fisionomia patrimonialista acerca do "processo modernizador domesticado pelo estamento" (FAORO, 1984, p. 744).

O fenômeno da pseudoatividade pode ser estratégico para esclarecer aspectos da cooptação política da classe burguesa pelo estamento-burocrático. Esse fenômeno foi tratado pela primeira vez de modo mais exemplificado por Žižek em 1997, no livro *The Plague of Fantasies*. O filósofo esloveno explica que "no caso da pseudoatividade *sou passivo através do outro*, isto é, entrego ao outro o aspecto passivo (do gozo), enquanto permaneço ativo" (ŽIŽEK, 2011, p. 131, grifo do autor).

Embora possa ter ficado indignado com o fato de Benedito ter se apropriado de sua frase feita,

Inácio não está preocupado com o modo de cooptação política, e isso se justificaria porque suas crenças já estão delegadas ao grande Outro (estamento-burocrático), de modo que não há questionamentos do cargo político (Benedito se elegeu deputado) como medida de valor social; acreditamos que esse cenário faz surgir o famoso "objeto a" de Lacan, o qual "põe o desejo em movimento", estruturando a dimensão fenomênica (ŽIŽEK, 1996, 2011). O filósofo esloveno esclarece que esse conceito designa o *objeto-causa de desejo*, ou seja, não se refere diretamente ao *objeto de desejo*, mas aquilo que, no objeto que desejamos, faz com que o desejamos.

Defendemos que é possível apreender que a mentalidade industrial é o objeto de desejo, mas o objeto-causa de desejo é a própria cultura política patrimonialista, visto que, em última instância, Inácio critica a falta de intelectualidade de Benedito, mas não vê problemas em manter a ordem simbólica estabilizada. Temos o "objeto a" contribuindo para a interpelação ideológica dos personagens, permitindo que suas crenças, valores e práticas sociais estejam determinadas pelo desejo de uma carreira política, que seria conquistada a partir de um interesse pseudoativo pela industrialização da nação. Conforme a argumentação de Žižek (2011), o fenômeno da pseudoatividade priva o sujeito de sua própria identidade, proporcionando a alienação e tornando-o "marionete" porque delega suas crenças ao grande Outro. Zafalon e Silva (2017) ao se debruçarem sobre esse aspecto, esclarecem que "a imagem do Outro é uma forma de policiamento às nossas consciências, fazendo-nos agir de acordo com as previsões que já foram determinadas" (ZAFALON; SILVA, 2017, p. 111).

Esse aspecto nos leva ao regime de classe no II Reinado. Inácio e Benedito pertencem à burguesia comercial e nutrem interesse pela industrialização. A pseudoatividade, que priva o sujeito de sua identidade, se correlaciona com a argumentação de Faoro (1984) segundo a qual pode-se conceber a burguesia da época como uma classe sem ideologia/identidade (isto é, formada à sombra do estamento-burocrático e da cultura patrimonialista).

Faoro (1984) compreende que a dominação política patrimonialista é que impede o florescimento da classe burguesa pautada na ideologia econômica, uma vez que

[...] o capitalismo, dirigido pelo Estado, impedindo a autonomia da empresa, ganhará substância, anulando a esfera das liberdades públicas, fundadas sobre as liberdades econômicas, de livre contato, livre concorrência, livre profissão, opostas, todas, aos monopólios e concessões reais (FAORO, 1984, p. 18).

Sendo assim, torna-se plausível perguntarmos se o estamento-burocrático, como grande Outro, polícia as consciências e controla o investimento libidinal de sujeitos da classe burguesa?

A pseudoatividade de Inácio na estrutura discursiva do conto implicaria, assim, em ser ativo para mascarar que a junção entre capitalismo e patrimonialismo tinha como objetivo a manutenção de privilégios. Na esteira de Faoro (1984), Fernandes (2006) considera que o estamento-burocrático criava entraves para a burguesia, de modo que "[...] os mecanismos de dominação patrimonialista continuavam a diluir e a neutralizar os elementos competitivos, mantendo a ênfase na cooperação e nas formas autocráticas de solidariedade, como fatores de equilíbrio social" (FERNANDES, 2006, p. 183).

Temos, a rigor, Machado de Assis formalizando, em "Evolução", o processo histórico-social da baixa vitalidade do regime de classes em pressionar o desenvolvimento econômico capitalista. Daí a "indignação moral e intelectual" de Inácio para com Benedito, ao invés de haver indignação propriamente com os aspectos político-econômicos, o que nos leva a também inferir que a sua pseudoatividade é uma forma de fugir do "Real do antagonismo" — a pseudoatividade de Inácio é, enfim e de certa forma, uma maneira de se ressimbolizar a traumática impossibilidade da consolidação de uma identidade da burguesia industrial durante o período do II Reinado.

Considerações finais

À primeira vista, "Evolução" pode aparentar ser uma narrativa de construção simples, mas consiste em obra de realismo crítico complexa,

tendo o comportamento libidinal da pseudoatividade como figuração das contradições sociais do II Reinado. A denúncia de roubo feita de Inácio a Benedito não se sustenta, sua revolta subjetiva não é justificada objetivamente, porém, sem dúvida, representa um momento particular do antagonismo social do II Reinado.

Assim, a corrente teórico-crítica do Materialismo lacaniano se revelou como grande potencial cognitivo para avançarmos de modo profícuo em investigar a dialética entre forma literária e processo histórico-social, levando-nos a aquilatar os personagens como expressões formais "do fracasso da subjetivação (por isso a marca lacaniana que o representa é o \$)" (ŽIŽEK, 2017, p. 269) do sujeito burguês com o seu próprio regime de classe. Em conformidade com o filósofo esloveno, a "noção lacaniana do sujeito (\$)" implica "o limite interior que impede o campo simbólico de realizar sua plena identidade" (ŽIŽEK, 2017, p. 268). Ambos os personagens investem libidinalmente nos vínculos sociais, mobilizando com isso identificações Imaginárias e Simbólicas, atreladas a expectativas de satisfação que possibilitam alienação à cultura política patrimonialista e ao estamento-burocrático. Desse modo, colocamo-nos diante de todo um trabalho e resultado artístico de um escritor em face de um País cuja modernidade é periférica, visto que, é sempre importante não esquecer,

que, já "formado", o nosso sistema literário coexistia com a escravidão e com outras "anomalias", traços de uma sociedade nacional que até hoje não se completou sobre o aspecto da cidadania, e talvez não venha a se completar, o que certamente faz refletir sobre a natureza mesma daquele movimento de formação nacional (SCHWARZ, 1999, p. 19).

O estamento-burocrático, surgido pela dominação política patrimonialista, é outra "anomalia" de nossa sociedade nacional que Machado de Assis esforçou-se em figurar e problematizar. Em relação à "Evolução", conseguimos identificar que o investimento libidinal dos personagens assinala uma fissura traumática de um Real antagonico. Confor-

me comenta Sbrigliá, "O materialismo lacaniano [...] é um materialismo de negação e antagonismo, o Real lacaniano de Žižek e a crítica literária por ele estabelecida possibilita [compreender] múltiplas formalizações estético-literárias de antagonismo" (2017, p. 11, tradução nossa).⁵ Ao fixarmos nossa atenção no antagonismo constitutivo do comportamento de Inácio, foi possível aprender que a narrativa formaliza um impasse da consolidação da classe burguesa no Brasil. O que implica em uma fratura da nação, posto que Faoro (1984) e Fernandes (2006) concordam que a burguesia não conseguir realizar sua revolução nacional implica a incapacidade de promover a democratização do controle do Estado pela população (ou por sua maioria econômica e politicamente ativa).

Referências

- AUERBACH, Erich. Germinie Lacerteux. In: *Mimesis: A representação da realidade na literatura ocidental*. 2. ed. Trad. George Bernard Sperber. São Paulo: Perspectiva, 1987. p. 471-498.
- DIXON, Paul. *Os contos de Machado de Assis: mais do que sonha a filosofia*. Porto Alegre: Movimento, 1992.
- FAORO, Raymundo. *Os Donos do Poder: formação do patronato político brasileiro*. Porto Alegre: Globo, 1984.
- FERNANDES, Florestan. *A Revolução burguesa no Brasil: ensaios de interpretação sociológica*. 5. ed. São Paulo: Globo, 2006.
- GLEDSON, John. *Por um novo Machado de Assis: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- GLEDSON, John. A política. In: GLEDSON, John. *Machado de Assis, impostura e realismo: Uma reinterpretção de Dom Casmurro*. Tradução Fernando Py. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p. 85-140.
- HOBSBAWM, Eric. *A Era do Capital - 1848-1875*. Tradução Luciano Costa Neto. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2012.
- JAMESON, Fredric. A interpretação: a literatura como ato socialmente simbólico. In: JAMESON, Fredric. *O inconsciente político: a narrativa como ato socialmente simbólico*. Tradução Valter Lellis Siqueira. São Paulo: Ática, 1992. p. 15-102.
- LACAN, Jacques. A essência da Tragédia – Um comentário da Antígona de Sófocles. In: LACAN, Jacques. *Seminário, livro 7: a ética da psicanálise, 1959-1960*. Tradução Antônio Quinet. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008. p. 289-340.

⁵ Do original: Lacanian materialism [...] is a materialism of negation and antagonism, Žižek's Real Lacan and the literary criticism pursuant thereto read with and for manifold literary aestheticizations of antagonism.

LUKÁCS, Georg. Marx e o problema da decadência ideológica. In: LUKÁCS, Georg. *Marxismo e teoria da literatura*. Tradução Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968. p. 49-111.

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. Evolução. In: MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria; COUTINHO, Afrânio (org.). *Obra Completa*. II V. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. p. 703-708.

MACHADO, Rodrigo Celente. O salto evolutivo: Machado de Assis entre o conservadorismo e o progresso. *Revista de Lenguas Modernas*, Costa Rica, n. 11, p. 175-184, 2009.

MASSA, Jean Michel. *A juventude de Machado de Assis, 1839-1870*: ensaio de biografia intelectual. Tradução Marco Aurélio de Moura Matos. São Paulo: Ed. UNESP, 2009.

PEREIRA, Astrojildo. Romancista do Segundo Reinado. In: PEREIRA, Astrojildo. *Machado de Assis: ensaios e apontamentos*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1958. p. 11-42.

SAFATLE, Vladimir. A política do real de Slavoj Žižek. In: ŽIŽEK, Slavoj. *Bem-vindo ao deserto do Real!* São Paulo: Boitempo, 2003. p. 179-191.

SBRIGLIA, Rusell. Did somebody say Žižek and literature? In: SBRIGLIA, Rusell (org.). *Everything you always wanted to know about literature but were afraid to ask Žižek*. London: Duke University Press, 2017. p. 1-33. <https://doi.org/10.1215/9780822373384>

SILVA, Marisa Corrêa. Materialismo Lacaniano. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (org.). *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. Maringá: Eduem, 2009. p. 211-216.

SCHWARZ, Roberto. *Duas Meninas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

SCHWARZ, Roberto. *Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis*. São Paulo: Duas Cidades, 1990.

SCHWARZ, Roberto. Prefácio à 2ª Edição. In: SCHWARZ, Roberto. *A lata de lixo da história: chanchada política*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. p. 7-13.

SCHWARZ, Roberto. A pulga no cachorro. *Jornal Folha de São Paulo [online]*, 28 mar.1999.

SCHWARZ, Roberto. Sobre a 'Formação' da Literatura Brasileira. In: SCHWARZ, Roberto. *Sequências brasileiras: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. p. 17-23.

SCHWARZ, Roberto. Pressupostos, salvo engano, de "Dialética da Malandragem". In: SCHWARZ, Roberto. *Que horas são?* ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p.129-155.

TELES, Adriana da Costa. Benedito e o perfil de um político: uma irônica "Evolução". *Machado de Assis em Linha*, São Paulo, v. 7, n. 14, p.198-208, 2014. <https://doi.org/10.1590/19836821201421214>

ZAFALON, Miriam; SILVA, Marisa Corrêa. Sujeito imortal, sujeito interpassivo: a ambiguidade da personagem épica. *Anuário de Literatura*, Florianópolis, v. 22, n. 2, p. 107-120, dez. 2017. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-7917.2017v22n2p107>

ZAFALON, Miriam. *Medeia sob o viés zizekiano*: a atualidade do mito. 2015. 158 f. Tese (Doutoramento em Letras) – Universidade Estadual de Maringá (UEM), Maringá, Paraná, 2015.

ŽIŽEK, Slavoj. *Interrogando o Real*. Tradução Rogério Bettoni. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

ŽIŽEK, Slavoj. *O mais sublime dos históricos*: Hegel com Lacan. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1991.

ŽIŽEK, Slavoj. *El sublime objeto de la ideología*. Tradução Isabel Nuñez. Buenos Aires: Siglo XXI, 2003.

ŽIŽEK, Slavoj. *Como ler Lacan*. Tradução Maria Luiza X. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

ŽIŽEK, Slavoj. *Violência: seis reflexões laterais*. Tradução Miguel Serras Pereira. São Paulo: Boitempo, 2014.

ŽIŽEK, Slavoj. Como Marx inventou o sintoma? In: Žižek, Slavoj (org.). *Um mapa da ideologia*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996. p. 297-332.

ŽIŽEK, Slavoj. El Fetichismo y sus Vicisitudes. In: ŽIŽEK, Slavoj. *El Acoso de las Fantasías*. Tradução Francisco Lopéz Martín. Madrid: Akal, 2011. p. 97-140.

Rafael Lucas Santos da Silva

Doutorando em Estudos Literários pela Universidade Estadual de Maringá (UEM), em Maringá, PR, Brasil; desenvolve pesquisa sobre o pensamento de Slavoj Žižek e suas aplicações aos Estudos Literários.

Marisa Corrêa Silva

Doutora em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), em São Paulo, SP, Brasil; tem pós-doutorado na Rutgers - the State University of New Jersey; professora associada no Departamento de Teorias Linguísticas e Literárias (DTL) na Universidade Estadual de Maringá (UEM), em Maringá, PR, Brasil. É pioneira no Brasil na aplicação sistemática do Materialismo Lacaniano de Slavoj Žižek e de Alain Badiou na análise literária, bem como no desenvolvimento de metodologia para efetuar tal aplicação.

Endereço para correspondência

Rafael Lucas Santos da Silva / Marisa Corrêa Silva
Universidade Estadual de Maringá

Programa de Pós-graduação em Letras/PLE
Av. Colombo, 5790, Bloco G34, sala 001 (térreo)
87020900

Maringá, PR, Brasil